

BC eleva Selic a 10,75% e sinaliza redução do ritmo de aperto

Política monetária Mas Copom reforçou que a taxa deve avançar 'significativamente em território contracionista'

BC eleva Selic a 10,75% e sinaliza redução do ritmo de aperto

Larissa Garcia e Alex Ribeiro
De Brasília e São Paulo

Ao levar a taxa básica de juros de volta aos dois dígitos ontem, para 10,75% ao ano, com alta de 1,5 ponto percentual, o Comitê de Política Monetária (Copom) sinalizou que daqui em diante vai reduzir o ritmo de aperto monetário. Ainda assim, o colegiado reforçou que a Selic deve avançar "significativamente em território contracionista".

"Essa sinalização [de redução do ritmo] reflete o estágio do ciclo de aperto, cujos efeitos cumulativos se manifestarão ao longo do horizonte relevante", justificou o comitê no comunicado da decisão. Na prática, isso significa que a Selic aumentou bastante desde o ano passado e que ainda vai levar algum tempo para que seus efeitos se transmitam pela economia e baixem a inflação.

O Banco Central (BC) destacou

que a elevação é compatível com a convergência da inflação para as metas ao longo do horizonte relevante da política monetária, que agora inclui 2022 e, em grau maior, 2023. A próxima reunião, em março, é a última em que o BC considera a meta deste ano para as decisões sobre os juros.

A Selic não ficava em dois dígitos desde julho de 2017, quando passou de 10,25% para 9,25% ao ano. Embora tenha indicado desaceleração no ritmo de alta de juros, o comitê ressaltou a necessidade de aperto diante do aumento de suas projeções para a inflação e do risco de desancoragem das expectativas para prazos mais longos. Além disso, enfatizou que "irá perseverar em sua estratégia até que se consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas".

"O comitê entende que essa decisão reflete [as projeções de

inflação no] seu cenário de referência e um balanço de riscos [para a inflação] de variância maior do que a usual para a inflação prospectiva", ressaltou.

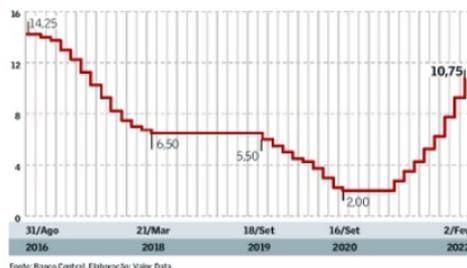
O BC elevou sua projeção de inflação no cenário de referência para 5,4%, e manteve em 3,2% para 2023 no cenário de referência, que considera a taxa de câmbio de R\$ 5,45 e juros da pesquisa Focus, que sobem para 12% no primeiro semestre de 2022, terminam o ano em 11,75%, e caem para 8% ao ano em 2023.

Na simulação do BC, o índice de preços esperado para 2022 já está acima do teto da meta de 3,5% com tolerância de 1,5 ponto para cima e para baixo. Em dezembro, a autoridade monetária esperava 4,7% para 2022.

O BC acha que as chances de o índice de preços superar o projeto são maiores do que de ficar abaixo, já que voltou dar preponderância ao risco fiscal. "Incerteza

Escalada da Selic

Nas datas de reunião - em % ao ano



Fonte: Banco Central. Elaboração: Valor Data.

em relação ao arcabouço fiscal segue mantendo elevado o risco de desancoragem das expectativas de inflação e, portanto, a assimetria altista no balanço de riscos."

Esta foi a oitava elevação consecutiva da taxa básica. O ciclo de alta começou em março do ano passado, saindo de 2% ao ano, menor patamar da história, para 2,75%. Diante do avanço persistente de preços, o BC precisou se justificar em carta aberta por ter descumprido a meta de inflação em 2021, que acumulou alta de 10,06%. Caso a projeção para 2022 se confirme, o Copom irá descumprir o objetivo por dois anos seguidos.

O comunicado frisou que a inflação ao consumidor seguiu surpreendendo negativamente. "Essa surpresa ocorreu tanto nos componentes mais voláteis como principalmente nos itens associados à inflação subjacente. As diversas medidas de inflação subjacente apresentam-se acima

do intervalo compatível com o cumprimento da meta para a inflação", disse o comunicado.

Em relação à atividade econômica brasileira, o BC afirmou que os indicadores relativos ao quarto trimestre tiveram evolução ligeiramente melhor que a esperada, em particular os relativos ao mercado de trabalho.

Segundo o comunicado, no cenário externo o ambiente segue menos favorável. "A maior persistência inflacionária aumenta o risco de um aperto monetário mais célere nos EUA, tornando as condições financeiras mais desafiadoras para economias emergentes. Além disso, a nova onda da covid-19 adiciona incerteza quanto ao ritmo da atividade, ao mesmo tempo que pode postergar a normalização das cadeias globais de produção", destacou o Copom.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças **Caderno:** C **Página:** 1